



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11859 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

MOVIMENTOS E TÁTICAS DE NEGOCIAÇÃO, CRIAÇÃO E RESISTÊNCIA COM OS CURRÍCULOS ESCOLARES

Thamy Lobo - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Renata Rocha de Oliveira - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Marcelo Ferreira Machado - FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA UERJ

Maria Cecilia Sousa de Castro - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

MOVIMENTOS E TÁTICAS DE NEGOCIAÇÃO, CRIAÇÃO E RESISTÊNCIA COM OS CURRÍCULOS ESCOLARES

Somos mulatos híbridos e mamelucos

E muito mais cafuzos do que tudo mais

Católicos de axé e neopentecostais

Nação grande demais para que alguém engula

Caetano Veloso

Introdução

A escola é um ‘*espaçotempo*’ comum aos autores deste trabalho. Vivemos na/com as escolas cotidianamente. Com ela nos formamos e somos formados a partir de nossas tantas redes de ‘*conhecimentossignificações*’, conforme aprendemos com ALVES (2019). Diante disso, compreendemos as possibilidades de resistências e criações forjadas com os currículos.

Larrosa (2002) acredita que a “experiência” é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (p.21). Diz ainda:

é a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm:

requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar [...]; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza [...], falar sobre o que nos acontece [...], escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 24).

Convidamos Larrosa à conversa, pois pesquisamos com essa metodologia, e concordamos que as experiências vivenciadas nos *'espaçostempos'* escolares permitem *'fazersentirpensar'* a riqueza das escolas nas criações e transformações que acontecem com *'praticantespensantes'* que por ela circulam, diante dos desafios que se impõe, inclusive na atualidade, com a pandemia do Covid-19.

Diante disso, propomos, neste trabalho, identificar como a escola cria, ressignifica e fortalece as práticas culturais presentes em nossa sociedade a partir dos currículos cotidianos. Com este intuito, defendemos a ideia de que tais ações promovem a valorização dos conhecimentos múltiplos, corroborando com o respeito às diferenças.

Métodos

Concordamos com Soares et al (2017), que os currículos são vitais para possibilitar nossas conversas nos *'espaçostempos'* escolares. Desse modo, percebemos que *'praticantespensantes'* se utilizam de artefatos e táticas (Certeau, 2014) para produzirem *'conhecimentossignificações'* acerca de temáticas urgentes aos currículos escolares. A esse respeito, encontramos nas palavras da autora:

São *'espaçostempos'* de encontros entre diferenças, de reconhecimento e estranhamento, de escrituras sobrepostas, práticas negociadas, bricoladas e abertas à invenção, às contingências e às oportunidades. São atos coletivos, criados cotidianamente nas escolas, mesmo que em sua origem encontremos arbitrariedades políticas e teóricas e tentativas de controle. Currículos são declarações de intenções institucionais, produtos de políticas públicas e decisões administrativas. Mas são ainda derivações de corpos, mimeses de gestos, produção de desejos, inventividades e resistências daqueles que habitam os *'temposespaços'* escolares, com suas presenças – físicas e virtuais –, ausências, temporalidades, astúcias, confrontos, enfim, com aquilo que não tem governo, nem nunca terá.(p. 43).

É possível encontrarmos resistência de diversas instituições, gestões e sujeitos sociais diante das necessidades de conversarmos acerca de temas que escapam aos currículos prescritos. No entanto, se torna necessário o fortalecimento das práticas culturais que nos constituem enquanto sociedade, garantindo a autonomia de ampliar a pluralidade cultural e o respeito às diferenças *'dentrofora'* das escolas.

As tentativas do poder hegemônico em fiscalizar métodos, práticas e conhecimentos criados nos currículos cotidianos permitem fortalecer ações coletivas e criativas que se configuram como vitais para os processos de *'aprendizagemensino'*. A potência dos encontros e das conversas com os *'praticantespensantes'*, permite entendermos que as

diferenças existem e precisam ser garantidas e valorizadas nos currículos cotidianos.

Discussão

Trazemos as criações artísticas no *'dentrofora'* das escolas como potência coletiva e inventiva que, em oposição a essas políticas institucionais, permanecem criando movimentos de resistência a partir da arte, com a manutenção das manifestações culturais do país, abrindo-se a encontros com novas maneiras de ser, de sentir e estar no mundo, novas identidades - não só de gênero, mas também nacionais, como das pessoas refugiadas. Se por um lado, os currículos são forças e formas, por outro, os currículos tecidos em redes de *'conhecimentossignificações'* jogam com as forças institucionais e adquirem as formas mais variadas com a experimentação daqueles que o tocam nos cotidianos.

Nos cotidianos das escolas esses currículos multiplicam-se em várias táticas a partir das experiências e das conversas estabelecidas entre os *'praticantespensantes'*. Elaboradas por meio de oficinas, como por exemplo, criando filmes baseados em suas realidades ou estabelecendo outras realidades, usam e escrevem para si literaturas diversas para compreender o ciclo da vida que acontece também fora da biologia ou que simplesmente dançam a quadrilha sem subverter o sentido cultural e religioso, mas a transformando também em ato político de afirmação da cultura popular e regional.

Essas astúcias ou artes de fazer com (Certeau, 2014) é o que nos interessa. Compreender e narrar quando falamos em movimentos curriculares com os cotidianos, movimentos que estão permanentemente sendo refeitos, assim como quando falamos em "reconstrução nacional" entendemos que a nação ou o estado-nação nunca ficou pronto e também não estará acabado daqui a algum tempo. Chegamos a essa compreensão quando articulamos as nossas ideias à Andrade et. al, em sua compreensão de redes educativas, quando diz que:

Como as redes educativas que criamos, traçamos possibilidades de caminhos que vão mudando e nos questionam, permanentemente. Não fincamos raízes - viver os cotidianos nos mostra isto: os movimentos aparecem nos encontros, nos entrelaçamentos, na busca permanentemente curiosa dos outros, em diferentes 'conversas' em tomo de múltiplas temáticas e interesses, de seus 'fazerespensares', de suas criações.(ALVES, CALDAS e ANDRADE, 2019, p. 40)

Por fim, vamos entendendo e indicando que os *'conhecimentossignificações'* que criamos no tempo presente para atender as demandas atuais vão sendo alterados, sofrendo movimentos dos mais variados para que não sejam sempre arremessados de um lado para outro e nem engessados pelas políticas de governo que vão sendo institucionalizadas.

Resultados e Conclusões

Entendemos que os currículos, assim como os cotidianos escolares são resistência e criação continuamente. Eles são forjados a partir das diferenças que os constituem. Neste

sentido, este trabalho não se propõe a trazer estatísticas, dados e propostas de intervenção, mas indicar a riqueza da experiência como possibilidade de respeito às diferenças e valorização das práticas culturais presentes nas escolas.

Palavras Chave: currículos cotidianos; criações; redes educativas.

Referências

ALVES, Nilda; CALDAS, Alessandra; ANDRADE, Nivea. . *Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos, após muitas 'conversas' acerca deles*. In: Inês Barbosa de Oliveira; Leonardo Ferreira Peixoto; Maria Luiza Süsskind. (orgs.). *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas*. Curitiba: CRV Editora, 2019:19-45.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência* (tradução de João Wanderley Geraldi). *Revista Brasileira de Educação*, n.19, jan/abr, 2002. p.20-28.

SOARES, Maria da Conceição Silva; PAIVA, Vanessa Maria B.; NOLASCO-SILVA, Leonardo. *Gênero e sexualidades praticados em currículos dissidentes nos/dos com os cotidianos escolares*. IN: *Teias* v. 18 • n. 51 • 2017 (Out./Dez)